



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO TOCANTINS- CUNTINS  
FACULDADE DE HISTÓRIA – FACHTO  
POLO UNIVERSITÁRIO DE LIMOEIRO DO AJURU

**VALESSA BARBOSA COUTINHO**

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA SÃO  
FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE JARARACA, MUANÁ, NO PARÁ**

CUNTINS/UFPA-CAMETÁ

2023



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO TOCANTINS/ CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA – FACHTO  
POLO UNIVERSITÁRIO DE LIMOEIRO DO AJURU

**VALESSA BARBOSA COUTINHO**

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA SÃO  
FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE JARARACA, MUANÁ, NO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de História da Amazônia Tocantins (FACHTO) do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

CUNTINS/UFPA-CAMETÁ

2023

VALESSA BARBOSA COUTINHO

HISTÓRIA, MEMÓRIA E A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA SÃO FRANCISCO  
DE ASSIS NA LOCALIDADE DE JARARACA, MUANÁ, NO PARÁ

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto**  
**FACHTO/PPGEDUC-UFPA-Cametá**  
**Orientadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Fernanda Nilvea Pompeu Varela**  
**FAL/UFPA-Cametá**  
**Avaliadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Rhana Beatriz Maia de Freitas**  
**CEAC/Cametá**  
**Avaliadora**

CUNTINS/UFPA-CAMETÁ

2023

**Á Deus, pois sem ele eu nada sou.**

**À meu esposo Frank Helves, meus filhos Vívian Fabíola e Victor Frank, foi pensando em vocês que mais uma vez eu venci.**

**Á minha mãe e meu pai, vocês são a minha base.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, por guiar e guardar a minha vida e por me abençoar em toda a minha caminhada. Eis aí o responsável pelas minhas conquistas e vitórias!

Agradeço à minha família, por todo o apoio e compreensão, pois para chegar até aqui, não foi fácil, mas vocês estavam sempre me incentivando, em especial ao meu esposo Frank Helves e aos meus filhos, Vivian Fabíola e Victor Frank, pois quando pensei em desistir, vocês foram a minha força. Foi preciso me abster de muitas coisas, principalmente do tempo que podíamos estar juntos, mas vocês me entenderam e aqui eu estou.

Agradeço a minha orientadora Prof, Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto, pelo apoio e cuidado em suas orientações, pela parceria nesta jornada, sem suas sugestões, seria tudo mais difícil, obrigada pela confiança e pelo tempo dedicado a mim.

Agradeço aos professores do curso de História, os quais tiveram papel fundamental na minha formação e compartilharam seus conhecimentos comigo; meus agradecimentos aos colegas da turma História/ 2019, pelas vivências e troca de conhecimentos no período em que estivemos juntos.

Agradeço à comunidade de São Francisco de Assis, aos meus entrevistados, devotos de São Francisco de Assis, parceiros e colaboradores, a participação de vocês foi essencial para a realização desta pesquisa.

Agradeço também a intercessão de São Francisco de Assis, pois creio que ele sempre olhou pra mim, com um olhar paternal, de protetor, obrigado, pois foi através da minha fé que hoje consegui realizar essa pesquisa.

Enfim, hoje a palavra que resume tudo isso é “GRATIDÃO”.

Obrigado meu Deus!

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>08</b>
 <b>CAPÍTULO I</b>	
<b>BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE LOCALIDADE DE JARARACA, EM MUANÁ, NO PARÁ.....</b>	<b>13</b>
 1.1. MUNICIPIO DE MUANÁ, NO PARÁ: SITUANDO O LÓCUS DE ESTUDO.....	 13
1.2. A VILA DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA, NAILHA CAMPUPEMA, NO RIO PARÁ.....	15
1.3. CARACTERÍSTICAS ATUAIS DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA.....	20
 <b>CAPÍTULO II</b>	
<b>O PROCESSO DE DEVOÇÃO AO SANTO SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE DA JARARACA.....</b>	<b>25</b>
 2.1- O INÍCIO DA DEVOÇÃO E DA FESTIVIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA.....	 25
2.2. IRMANDADES E CEB’S NA IGREJA CATÓLICA: MUDANÇAS E PERMANENCIAS EM TORNO DA FESTIVIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA.....	27
2.3 A MISTURA DO SAGRADO COM O PROFANO.....	33
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	 <b>39</b>
<b>FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>43</b>

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral refletir a respeito da influência do catolicismo na comunidade de São Francisco de Assis na localidade de Jararaca, no município de Muaná/PA. E, como objetivos específicos compreender que fatores contribuíram para a formação da festividade de São Francisco de Assis, nessa localidade, ocasionando o surgimento dos adeptos do catolicismo, com forte predominância entre os seus moradores, levando em consideração que se trata de uma comunidade ribeirinha, que pode ter sofrido forte influência dos jesuítas, devido Jararaca ter sido um local de passagem. Da mesma forma, verificar quem foram os praticantes dessa religião, buscando refletir a respeito da adoção do santo São Francisco de Assis, como padroeiro desta localidade, e desta forma analisar o papel dessa religião na construção do desenvolvimento dessa localidade, os níveis de socialização das pessoas através dessa devoção ao santo. Metodologicamente a pesquisa que constituiu este trabalho se deu de forma documental, pesquisa de campo, analítica e bibliográfica. Assim sendo, além do levantamento bibliográfico e o estudo de livros, textos, artigos e livros de autores que tratam da temática em estudo, foram utilizadas fontes documentais escritas, encontradas na igreja local, fontes imagéticas, como por exemplo, mapas e fotografias, encontradas nos acervos familiares das pessoas entrevistadas, e as imagens fotográficas feitas no decorrer das atividades de pesquisa. Dados da pesquisa apontam que desde que se iniciou a Vila de São Francisco da Jararaca a devoção pelo santo São Francisco de Assis nasceu junto, devoção essa que vem resistindo e perdura até os dias de hoje, mas que precisa de um olhar diferenciado por parte do povo jararaquense, para que se mantenha essa tradição, de festejar, venerar o santo padroeiro, dando valor ao seu festejo, considerado como patrimônio cultural dessa localidade, por ser constituído de histórias, memórias, saberes, ensinamentos, identidades e processos de resistências da população local.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Memória, Cultura, Religiosidade, festa de São Francisco, Localidade de Jararaca

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem como objetivo de estudo refletir a respeito da presença da igreja católica de São Francisco de Assis na comunidade de Jararaca, no município de Muaná no Pará, buscando analisar os fatores relevantes que contribuíram para a formação desta festa e do surgimento dos adeptos religiosos ao catolicismo nessa localidade, onde essa igreja possui uma forte predominância entre os moradores, tendo como padroeiro o santo “São Francisco de Assis”.

A religião católica possui uma forte ligação com a cultura e a economia nesta localidade, pois quando ocorre a festividade do santo padroeiro, o qual possui muitos devotos, e que dão continuidade a essa cultura passada de geração para a geração no decorrer dos tempos, ela impulsiona também a economia, já que nos dias que ocorrem esta festividade, as pessoas podem fazer vendas, tanto na parte alimentícia, quanto no artesanato, tornando-se então uma fonte de renda. Com relação as festas de santo, Saraiva e Silva (2008) afirmam que:

“A festa de santo das comunidades ribeirinhas vista como ritual é, antes de tudo, o resultado do modo de vida ribeirinho, suas implicações podem revelar, mediar ou colocar no mesmo plano interesses opostos”(Saraiva e Silva, 2008, Pg.11).

Partindo dessa reflexão de Saraiva e Silva (2008), conforme já foi evidenciando no início dessas considerações iniciais, este trabalho tem como objetivo geral refletir a respeito da influência do catolicismo na comunidade de São Francisco de Assis na localidade de Jararaca, no município de Muaná/PA.E, como objetivos específicos compreender que fatores contribuíram para a formação da festividade de São Francisco de Assis, nessa localidade, ocasionando o surgimento dos adeptos do catolicismo, com forte predominância entre os seus moradores, levando em consideração que se trata de uma comunidade ribeirinha, que pode ter sofrido forte influência dos jesuítas, devido Jararaca ter sido um local de passagem. Da mesma forma, verificar quem foram os praticantes dessa religião, buscando refletir a respeito da adoção do santo São Francisco de Assis, como padroeiro desta localidade, e desta forma analisar o papel dessa religião na construção do desenvolvimento dessa localidade, os níveis de socialização das pessoas através dessa devoção ao santo.

Portanto, é de suma importância compreender que fatores fizeram com que a religião Católica se instaurasse na comunidade de Jararaca, no município de Muaná, buscando saber quem foram as pessoas que trouxeram para este local o catolicismo, como e quando se deu a fundação da igreja católica, evidenciando, que por ser em um local de fácil acesso a navegação, pode ter tido influência dos jesuítas, visto que, neste lugar passaram e ainda passam muitas embarcações. Argumentações que nos remete as afirmações de Borges (1993), de ir em busca de vestígios que possam comprovar tais fatos, sem a preocupação de “não é dizer tudo sobre uma determinada realidade, determinado objeto do passado, mas explicar o que nesse é fundamental” (BORGES, 1993).

Portanto, é importante ter um olhar atento para essa necessidade de investigar cientificamente porquê da religião Católica ter forte influência na localidade em estudo, visando compreender qual o motivo da adoção ao santo São Francisco de Assis, para que, assim como, eu, outros filhos dessa localidade possam reconhecer o valor que essa religião tem para a história da comunidade de Jararaca, assim como, também os festejos de São Francisco de Assis, para que continuem repassando, repassando saberes e conhecimento que giram em torno da festa de geração em geração. Segundo afirmam Varela, Pinto e Barros (2022):

a festa colabora para sustentação e revigoração da memória e de tudo o que foi construído, ensinado e aprendido no entorno dessa devoção. Os sujeitos encontram nesse lugar e evento exemplos de luta e resistência. A forma como a festa se desenha chamando para ela os populares demonstra como a mesma se constitui em um cenário que se congrega e enaltece os antes, invisibilizados. Essa movimentação atemporal e em vários setores demonstra que a cultura não é uma só, não é exclusivamente dominante ou subalterna, não é folclore, não estagnação (VARELA; PINTO; BARROS, 2021, p. 15).

A escolha de tal tema de pesquisa se deu devido ao meu estudo no curso de história, e pela minha vivência no local, pois, no decorrer do curso surgiram indagações no sentido de saber como ocorreram tais fatos, visto que, passei a maior parte da vida nesta localidade, e foi só depois de que ingressei na UFPA, na Faculdade de História, que pude perceber as várias perguntas que tinha, e que agora neste trabalho busco evidências, isso claro, com a ajuda de fontes de pesquisa, autores e professores, que ajudaram nas argumentações e análises, que contribuíram no transcorrer das atividades de pesquisa, visando a constituição deste trabalho de conclusão de curso.

Diante disso, surgiram inquietações que se fez necessário uma investigação do porquê deste santo ter tantos devotos? O que influenciou esta comunidade para seguir o catolicismo? Quais os percussores desta religião nesta localidade? E quando se iniciou essa festividade? Perguntas estas que as pessoas da comunidade ainda não dispõem, as quais ainda são leigas com relação a esse assunto, fazendo necessária uma busca no tempo para tenta explicitar tais fatos. Além de entender o porquê de a religião católica ter forte influência nesta comunidade? Por que esta comunidade adotou esse santo como padroeiro? Investigar quais foram os percussores dessa religião neste local, sua origem?

A partir de então o meu interesse pelo estudo se aguçou ainda mais devido à escassez de trabalhos científicos que possam preencher lacunas da existência da influência religiosa da igreja católica na localidade ribeirinha de Jararaca, no município de Muaná/PA. Possui o intuito de contribuir para que os moradores da localidade possam conhecer melhor o processo histórico e religioso, e quais as mudanças que ocorreram no decorrer do tempo, tanto na área econômica quanto na cultural. Buscando também evidências capazes demonstrar as relações sociais que essa religião contribui no convívio familiar, buscando fatores que venham a explicitar o porquê, quando e quais os motivos que se deram para os ribeirinhos adotarem esse santo como padroeiro, sempre lembrando que por ser uma localidade distante do seu município, Muaná, sofre diversas dificuldades nos aspectos sociais, econômicos e culturais.

Cultura religiosa católica das populações ribeirinhas, habitantes dos dois marajós (campos e florestas) na sua constituição histórica sofreu influências do catolicismo colonizador de matriz ibérica, da presença negra e nordestina, sem perder, contudo, aspectos de crenças míticas, lendárias, características de seu torrão de formação indígena. (SARRAF, 2008, P.22).

De acordo com Sarraf (2008), a religiosidade ribeirinha se dá devido a influência que o colonizador exerceu, onde os seus costumes, crenças e valores são introduzidos, de certa forma fica explícito o seu domínio sobre tal assunto, tornando a igreja católica uma das instituições de forte influência. A qual na idade média foi considerada como a maior proprietária de terras com grande poderio, chegando a levantar hipóteses de que esse seja o motivo pelo qual ocorra a forte influência da igreja (SARRAF, 2008) ainda nos dias de hoje em localidades, como no interior da Amazônia.

Metodologicamente a pesquisa que constituiu este trabalho se deu de forma documental, pesquisa de campo, analítica e bibliográfica. Assim sendo, além do levantamento bibliográfico e o estudo de livros, textos, artigos e livros de autores que tratam

da temática em estudo, foram utilizados fontes documentais escritas, encontradas na igreja local, fontes imagéticas, como por exemplo, mapas e fotografias encontradas nos acervos familiares das pessoas entrevistadas, e as imagens fotográficas feitas no decorrer das atividades de pesquisa.

Mas, a nossa principal fonte de estudo advém de recurso e técnicas da História Oral, com base na oralidade, a partir das entrevistas feitas com moradores e representantes da localidade de Jararaca, e membros da Igreja Católica de São Francisco de Assis. Essas entrevistas foram obtidas no decorrer da pesquisa de campo, mediante utilização de recursos, como: celular, caderno, caneta, além de conversas informais. Portelli (2000) fala da importância da fonte oral, coleta através de entrevistas e diálogos com as pessoas, visto que “na história oral precisamente, porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais” (PORTELLI, 2000, p.43).

Por outro lado, Pollak (1992), afirma que a memória é:

socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é [...] não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral [...] A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve [...] ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta [...] apesar de terem uma forma sui generis (POLLAK, 1992, p. 207- 208).

Desta forma, foram entrevistadas pessoas que moram há mais tempo na localidade, além de membros da igreja, como: o padre, coordenadores e o secretário, que também indicaram documentos; e autoridades políticas, cujas informações ajudarem a reconstituir indícios históricos, políticos, sociais e religiosos do local.

O autor Alistair Thomson (1997) afirma, que a memória circula constantemente na “relação passado-presente”, envolvendo, portanto, um contínuo processo de reconstrução e transformação das experiências, que são relembradas, “em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado”. E, somos nós que escolhemos memórias para recordar e relatar (THOMSON, 1997, p. 57).

Segundo afirma Ecléa Bosi (1987), “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado, vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas” (BOSI, 1987, p. 09). Portanto, foi seguindo os rastros dessas memórias, que se buscou constituir as tramas desse trabalho de conclusão de curso.

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo trata do histórico da comunidade, de como ocorreu a formação dessa vila, quem foram os principais autores desse processo de construção, tanto territorial, quanto estrutural, suas atuações e seus principais feitos. Desta forma, mostra-se nesse capítulo, como era a economia e a religiosidade neste local, além de tratar dos seus aspectos culturais e econômicos, enfatizando o grande auge que este local teve no início da sua formação, e que atualmente só tem conhecimento a partir das memórias e relatos daqueles que ainda vivem em nossos meios, os quais narram através das suas vivências, o quanto era exuberante este lugar.

O segundo capítulo discorre a respeito da devoção dos Jararaquenses para com o santo São Francisco de Assis, que vai além de uma representação de um santo, mas sim, de um ser que guarda e protege este lugar. Aquele santo, que intercede a Deus pelos seus filhos, os quais têm enorme respeito e devoção. Assim sendo, esse capítulo também trata do tradicional festejo de São Francisco de Assis, que ocorre entre os dias 27 de setembro a 04 de outubro, que é o dia em que se comemora o dia do santo, padroeiro e, segundo afirmam alguns moradores, é o protetor da vila de Jararaca.

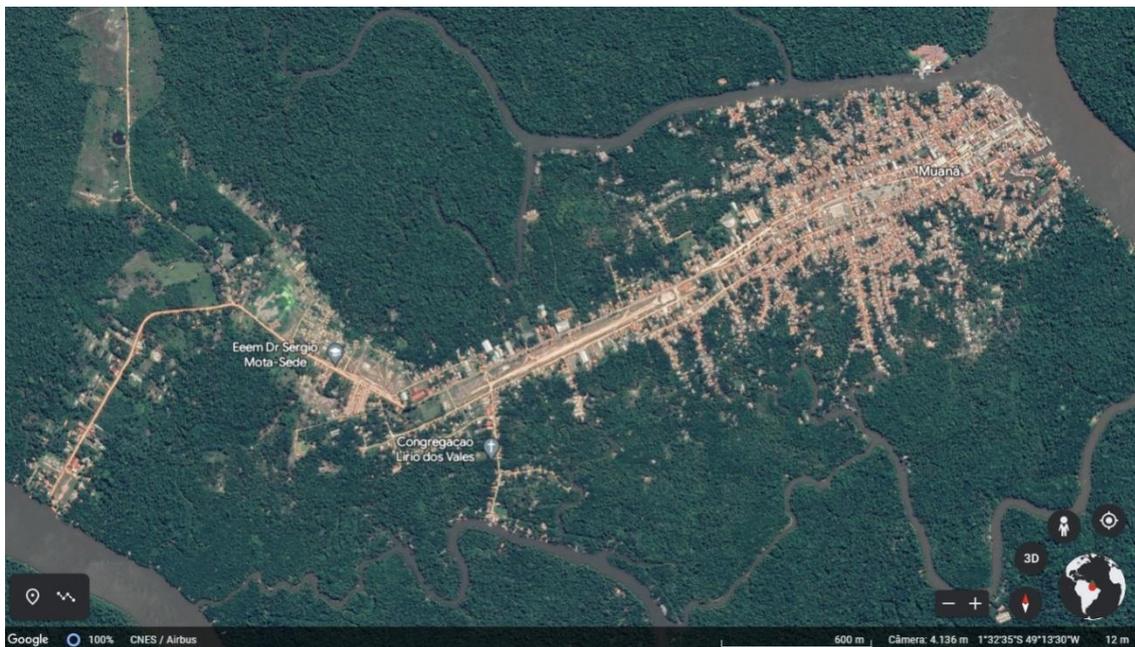
## CAPÍTULO I

### BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE LOCALIDADE DE JARARACA, EM MUANÁ, NO PARÁ

#### 1.1. MUNICÍPIO DE MUANÁ, NO PARÁ: SITUANDO O LÓCUS DE ESTUDO

Muaná, é um município que está localizado na Ilha do Marajó, nordeste do Estado do Pará. Segundo o último censo a estimativa populacional é de aproximadamente 40.333 habitantes, a densidade demográfica é de 9,8 habitantes por km<sup>2</sup> no território. A cidade é banhada pelo Rio Muaná, que dá nome a cidade. O município possui a extensão territorial de aproximadamente 3.763,337 km<sup>2</sup>, fazendo limite com os municípios de Ponta de Pedras, São Sebastião da Boa Vista e Abaetetuba. (IBGE,2017).

**Imagem 01** – Localização de Muaná, via Google Earth



Fonte: Google Earth – Acesso em 05/03/2023

Historicamente Muaná não foge da realidade histórica de ocupação em semelhança com o nosso país. O território foi invadido por pessoas com o interesse de explorar as riquezas da região, tomar posse de terras e impor fé. Levando em consideração a tradição oral, a história de origem de Muaná conta que a “primeira Dona do lugar” estava limpando seu terreiro e encontrou uma imagem semi enterrada, logo a notícia se espalhou, e os posseiros foram chegando e identificaram que a imagem era de São Francisco de Paula, dessa forma uma capela foi erguida. É dada a essa

história o título de origem do município, acrescido da construção do engenho de cachaça, uma aldeia e um forte, esse foi o conjunto que deu início a cidade de Muaná. (MEDEIRO, 2019, p. 15).

Em 1757, o então governador interino do Grão Pará, Frei Miguel de Bulhões, elevou o pequeno povoado à categoria de Freguesia de São Francisco de Paula do Rio Muaná. E somente no ano de 1895, por decreto do governador Lauro Sodré, a Freguesia é então designada de Cidade de Muaná (PREFEITURA DE MUANÁ, 2015).

Segundo a memória local a primeira proprietária das terras que dariam origem ao município, seria dona Amélia Pimentel que encontrou enterrada a imagem de um santo, mais tarde seria identificada por um padre como sendo de São Francisco de Paula. Diante do achado, não demorou muito para que devotos começassem a aparecer e uma pequena capela fosse erguida.

No século XX, como forma de agradecimento ao livramento de um naufrágio após intercessão do santo, uma rica família italiana, muito devota de São Francisco de Paula se ofereceu para construir uma igreja para o santo, a qual se mantém até os dias atuais em perfeito estado de conservação e tendo guardada em seu interior a imagem encontrada por dona Amélia Pimentel. (PREFEITURA DE MUANÁ, 2015).

Muaná foi a primeira vila do Grão-Pará, após a capital do Brasil a dar do primeiro grito de Independência, em 28 de maio de 1823, sendo comemorada até hoje como um feriado municipal. Foi também refúgio para muitos cabanos durante a Cabanagem em 1835.

Segundo estudos a etnia indígena Moãnas que vivia na região já não existia mais com a chegada dos colonizadores. A exemplos, Pedro Ferreira, um militar que passou pela localidade, e que hoje tem uma rua dedicada em sua homenagem. José Maria de Lima, escritor muanense, diz que os “os Moãnas pertenciam à grande nação Aruaque, que ocupou diversas áreas do norte da América do Sul e o Caribe. Os Moãnas teriam sua nação principal em Ponta de Pedras, no lugar denominado Mangabeiras” (FERREIRA, 2011, p. 116).

Outros estudos afirmam que na localidade de Muaná um grande engenho de açúcar foi construído, e o seu dono era devoto de São Francisco de Paula, e todo ano uma festa era realizada para homenagear o santo. Com o fim do engenho é que a Dona Maria Amélia Pimentel tomou posse da localidade e construiu uma fazenda, e encontrou a imagem de São Francisco de Paula, iniciando as celebrações e a fixação na localidade. (FERREIRA, 2011).

## 1.2. A VILA DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA, NAILHA CAMPUPEMA, NO RIO PARÁ

A região da Vila de São Francisco da Jararaca está localizada na ilha campupema, no município de Muaná, no rio Pará. Segundo relatam os moradores mais antigos desse lugar, o nome ilha da “Jararaca”, foi devido constar, que os portugueses logo que chegaram compraram a ilha, isso no ano de 1895, contrataram homens para fazerem a capinação e abrir caminho para fazer as primeiras residências, e esses trabalhadores, que ali estava a capinar, encontraram e mataram uma cobra, cuja espécie seria uma jararaca. Já o atual nome é devido à pessoa, que adquiriu a posse documental da ilha se chamar Francisco Monteiro Nogueira, e ser devoto de São Francisco de Assis, denominou o lugar de vila São Francisco da Jararaca, onde fundou no início do século XX, a Firma Francisco Monteiro Nogueira (FFMN), juntamente com a construção da Igrejinha do lugar, em 1906.

Assim, a localidade de São Francisco da Jararaca foi transformada em importante entreposto comercial e pólo industrial, comercializando os produtos da região com o Brasil e o mundo. Pois, era comprado o látex para a produção da borracha, além de ucuúba e andiroba, destinadas para a produção do óleo e sabão. Da mesma forma, era comprada a cachaça, originária do município de Abaetetuba, para ser engarrafada e rotulada com a marca da empresa "FFMN" (IBGE).

O distrito de São Francisco da Jararaca foi pela lei estadual nº 158, de 31/12/1948, território desmembrado de São Miguel e anexado ao município de Muaná. Em divisão territorial datada de 01 de 07 de 1960, esse município passou a ser constituído de 2 distritos: Muaná e São Francisco da Jararaca (IBGE).

É importante ressaltar que em 1757 foi criado o distrito de Muaná. Em 17 de maio de 1833, através de uma Resolução do Conselho do Governo, essa localidade foi elevada à categoria de vila também com a denominação de Muaná, cuja instalação ocorreu em 05 de março de 1834. E desta forma, Muaná foi elevado à condição de cidade e sede desse município, pela lei estadual nº 324, de 06 de julho de 1895 (IBGE), conforme, também é mencionado por Tavares (2008):

Seu originário se dá quando em 1757, é elevada à condição de freguesia, sob a invocação de São Francisco de Paula de Muaná. Em maio de 1833, elevou-se a categoria de vila e de cidade pela lei estadual n.324, de 06 de junho de 1895 (TAVARES, 2008, p.75).

A partir de então foram erguidas muitas construções. Desta forma, em 1906, construiu-se um casarão, feito em madeira, a serraria movida a vapor e a capela de São Francisco de Assis. Em outubro de 1909, foi fundado o primeiro cemitério, no início da ilha. Depois se prosseguiu fazendo os armazéns, as casas, foram construídos os galpões, fizeram a ponte. Assim como, a serraria, que era movida a lenha; e caldeira, que era a vapor; as máquinas. E assim, foram seguindo na extração da madeira para lenha e para construção da igreja, a primeira igreja católica, que é datada do ano de 1910 a 1911 (Relato de datações feita pelo entrevistado Sr. Raimundo de Nazaré).

Anos depois, em 1942, começaram a construir a segunda igreja, na qual ocorreu a primeira missa, em 19 de novembro de 1958, celebrada por Dom Alberto Gaudêncio Ramos, arcebispo de Manaus, que teria vindo de Manaus para Belém em uma viagem de navio. Visto que, esse local era um entreposto comercial, pois estava nas rotas dos navios, que transportavam suprimentos alimentícios, como: milho, feijão, entre outros. O navio em que o arcebispo estava atracou no porto e permaneceu por um dia inteiro, então ele sugeriu que fosse realizada uma missa. E, ele mesmo benzeu a primeira pedra da Igreja de São Francisco de Assis do Jararaca, conforme consta na Cronologia Eclesiástica do estado: “Dom Alberto Ramos benze a primeira pedra da Igreja de São Francisco, na ilha do Jararaca, Muaná” (Cronologia Eclesiástica do Pará).

Nestas condições, assim como, a igreja, a vila inteira não possuía energia, iluminação própria. A energia era movida a vapor, caldeira, e dava muito problema, devido à lenha, a pressão da caldeira aumentava e diminuía. Por esse motivo, os habitantes do lugar se reuniram para fazer um pedido para o então governador do estado na época, Aurélio do Carmo, o qual veio fazer uma visita na localidade. Na ocasião foi feito um pedido para ele ceder um gerador para a comunidade, pois na hora da missa as luzes se apagaram e, o governador se comprometeu em doar um grupo gerador suíço, o qual iluminava toda a vila (Relato do Sr. Raimundo de Nazaré).

Em meados da década de 1950, passa-se a ter como gerente o senhor Rubens Nogueira de Azevedo, o qual em homenagem a seu pai passou a chamar a empresa a qual era gerente de Firma Francisco Monteiro Nogueira ou “FFMN” ( facebook: Distrito de São Francisco da Jararaca-Muaná-Marajó- Autor: Sávio da Costa Paula)

A vila foi crescendo, teve pessoas que ficaram encarregadas de cuidar da igreja fazendo as festas de São Francisco de Assis. As festividades em honra a esse santo ocorrem no período de 27 de setembro a 04 de outubro. Segundo a tradição oral local, celebração da

missa de encerramento da festa acontece no dia 04 de outubro, não podendo passar da data. Narram que no passado o festejo era muito grande, com a participação de muitas pessoas, pois, a religião católica predominava, assim sendo, era muito forte a influência do catolicismo, desta forma, a festa foi só crescendo.

Tempos depois, a empresa “FFMN” foi vendida, sendo que a nova gerência que veio era um senhor adventista, o qual não dava muita importância para a festa, mas também não impedia. Contudo, embora permitindo a realização da festa do padroeiro, mas era realizada de acordo como ele queria, sem toda aquela euforia e dedicação, seria uma festa mais recatada, somente por parte de uma formalidade, uma simbologia, sem aquele ardor e devoção, fariam somente para não perder a tradição, mas para ele aquilo era algo sem valor ou importância.

Neste mesmo local (vila São Francisco da Jararaca) funcionava uma serraria, a qual precisava de mão-de-obra para trabalhar, e assim construiu-se um vilarejo para os trabalhadores, que vinham trabalhar, só habitando nesse local quem fosse funcionário da empresa "FFMN". As casas da vila eram todas em linha reta, construídas em madeira de lei, como: pau-amarelo, acapu. Essas casas eram pintadas de branco com uma barra azul, todas no mesmo padrão, e todas possuíam uma ponte que dava acesso para os moradores (Relato do Sr. Raimundo de Nazaré).

**Imagem 02:** imagem do modelo das casas que compunham A vila de São Francisco da Jararaca.



**Fonte:** Imagem repassada por Sávio da Costa Paula.

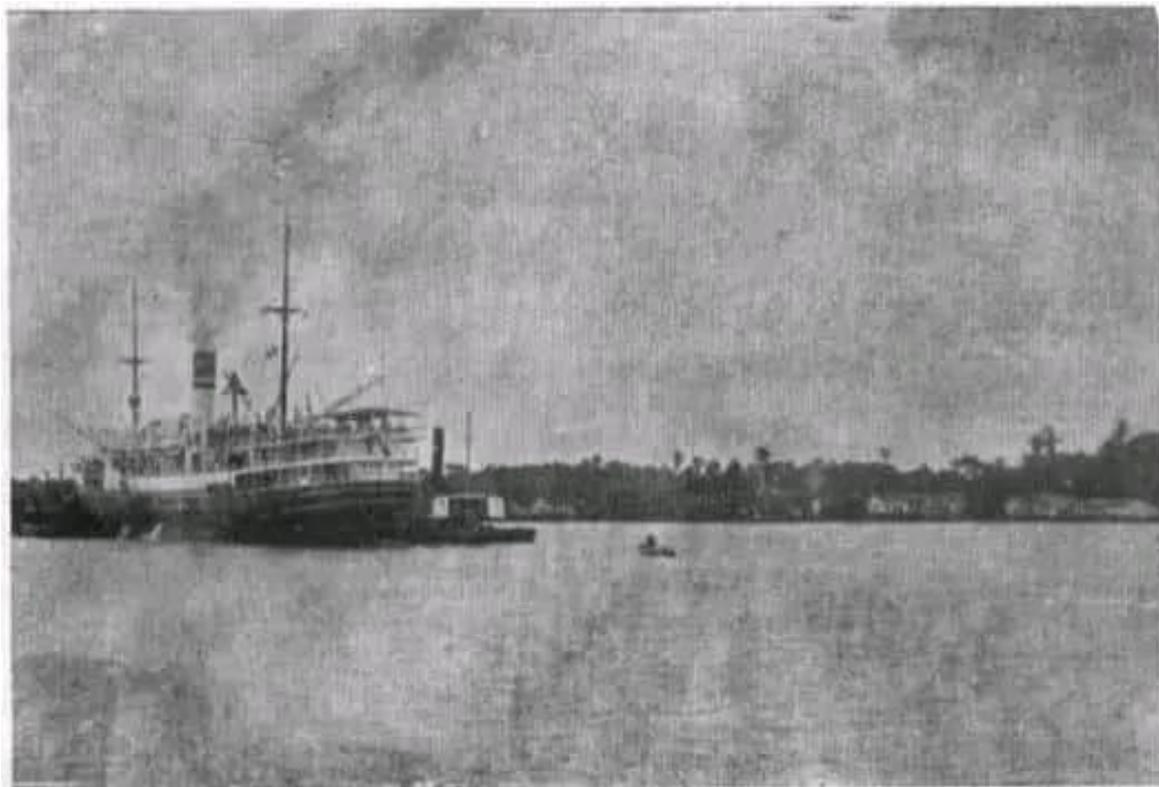
O pagamento dos trabalhadores era feito por quinzena. As pessoas entrevistadas contam que nesse tempo havia muito serviço, pois, tinha roçado para plantar arroz, cana, pois tudo se comprava. A madeira que era cortada para fazer os roçados, já servia para se usar nas caldeiras, pois os navios eram movidos a vapor, então usava-se muita lenha. A mão-de-obra era, na maioria, do local mesmo, pois se fazia questão de ter famílias grandes, boas de serviço. Mas, claro que o pagamento não condizia com o trabalho, uma vez que ali havia muitas famílias pobres, que vinham de outros lugares para trabalharem nesse local, com o intuito de ganharem o seu sustento. Ou seja, na realidade recebiam bem pouco pelo seu serviço, ou seja, havia ali uma exploração por parte de um grupo elitizado que estava acima dos trabalhadores (Relato da Sr.<sup>a</sup> Maria Benedita Fernandes).

Não restam dúvidas de que a Vila de São Francisco da Jararaca tinha enorme importância para a economia, devido ser um local de intenso tráfego, no qual grandes navios atracavam para levar especiarias para outros lugares, como: arroz, visto que havia o beneficiamento de arroz; assim como, engarrafamento de cachaça, beneficiamento de cana-de-açúcar. Nesse local também se fabricava açúcar, da mesma forma que era beneficiado o sal, que vinha de outros locais, como do Nordeste, para esse fim, onde era ensacado, depois era levado para outros lugares, em grandes navios (Relato do Sr. Raimundo de Nazaré).

Em São Francisco da Jararaca também tinha fábrica de sabão, extração de óleo de sementes de pracaxi, jupati, andiroba, ucuúba, as quais eram para a fabricação do sabão e para importação. Além da extração de madeira, que eram serradas na serraria do local, e posteriormente vendidas para os navios europeus, que atracavam no porto dessa localidade. Da mesma forma, havia a venda de madeira em toras, que tinham por destino Lisboa (Relato do Sr. Raimundo de Nazaré).

As pessoas entrevistadas contam que no porto de São Francisco da Jararaca encostava navios com 100 a 150 metros de comprimento, para fazer embarque. Tempos depois, por voltados anos 1980, pararam a exportação, devido à decadência das madeiras. O porto local, segundo narra o entrevistado Raimundo de Nazaré, possui registro em duas cidades dos Estados Unidos em Mobil, Alabama e em Toronto no Canadá: “Este porto aqui tem registro lá para navios de grande porte de grande profundidade, grande calado como se diz na marinha” (Relato do Sr. Raimundo de Nazaré).

**Imagem 03:** Imagem dos navios que atracavam no porto da vila de São Francisco da Jararaca



**Fonte:** Imagem cedida por Sávio da Costa Paula.

A imagem retrata um dos últimos embarques no porto de São Francisco da Jararaca, que cessou devido não ser possível mais a exportação de madeira. Motivo pelo qual, as serrarias também pararam e os portos aqui fecharam. Isso devido ao projeto federal de construção de estradas, que desviou as rotas comerciais dos rios, como, a construção da rodovia transamazônica, que levou a falência a FFMN. Tempos depois a firma foi vendida para outros compradores os quais tentaram reerguer as metas comerciais, mas não obtiveram sucesso. Sendo que em 1982 foi para leilão judicial. A justiça federal vendeu para outra empresa, a qual não deu tanta importância. Atualmente a localidade está desestruturada, restando somente ruínas e lembranças de um tempo considerado grandioso para alguns. Contudo, os mais antigos moradores possuem nas memórias, tempos que consideram como de fartura e prosperidade, que beneficiou muita gente, claro que baseado em uma estrutura hierárquica de elite, mas que segundo relatos dos entrevistados, era “*tempo bom, tempo em que tudo que você fazia você vendia*” (Relato de dona Maria Benedita Fernandes).

### 1.3. CARACTERÍSTICAS ATUAIS DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA

Atualmente a localidade de São Francisco da Jararaca, está em constante mudança, os casarões, as fábricas que antigamente existiam nesse lugar, não se podem mais ver, restam somente as ruínas da serraria que empregava muita gente, e fazia girar a economia dali. Nos dias de hoje tudo isso só existe na memória de quem viveu nessa época, restando daquele tempo somente a devoção ao santo São Francisco de Assis. Assim como, a ponte de antigamente, que ligava as casas, resiste até os dias de hoje, mas já com sua estrutura totalmente modificada e comprometida, pois em alguns lugares, os próprios moradores já fizeram alguns ajustes. Os navios não podem mais passar pela localidade, não se sabe o porquê, creio que o motivo seja o desvio das rotas comerciais. Existem também alguns pontos comerciais que vendem produtos alimentícios em geral, os quais são necessários para o consumo. Da mesma forma, há um poço artesiano que seria para a distribuição de água para as famílias que moram em São Francisco da Jararaca, porém o abastecimento só chega para as famílias que residem mais próximas da ponte, devido à tubulação insuficiente que dificulta a distribuição de água para todos.

**Imagem 04** – Localização da Vila São Francisco da Jararaca.



Fonte: Google Earth, Acesso em 01/04/2023

**Imagem 05:** Imagem da antiga Vila de São Francisco da Jararaca.



Fonte: Imagem cedida por Sávio da Costa Paula.

Muitas pessoas se mudaram para outros lugares em busca de melhores condições de vida e de trabalho, mas uma boa parte ainda permanece no local, como é o caso dos entrevistados, as pessoas que aceitaram colaborar com este estudo, como: Sr. Raimundo de Nazaré (64 anos), Sr.<sup>a</sup> Maria Benedita Fernandes (96 anos), Sr. Florentina Monteiro Coutinho (88 anos), todos já são aposentados.

Por outro lado, os moradores que residem na localidade de São Francisco da Jararaca são pessoas ribeirinhas, que vivem da pesca, do plantio e manejo do açaí (fruta típica da região), que é uma fonte de renda para a maioria das famílias, as quais na época da safra, no período de agosto a dezembro, apanham o açaí e vendem para os compradores, que levam para a capital, Belém.

São Francisco da Jararaca possui a igreja de São Francisco de Assis e ao lado existe um centro comunitário, que faz parte dessa igreja. Em frente à igreja há um arraial, onde no período dos festejos do santo padroeiro as pessoas se reúnem, transitam e instalam barracas para a venda de lanches e brinquedos. Além de instalarem um pequeno parquinho de diversão para as crianças, que se divertem bastante.

Em se tratando de saúde na vila de São Francisco da Jararaca, tem-se um posto de saúde por nome “Vera Maria Nogueira”, que atende habitantes da comunidade localidade e moradores das ilhas, que ficam mais próximas. Contudo, o atendimento nesse posto é somente do básico, a prevenção.

Há também uma escola, chamada E. M. E. F. Dr. Cipriano Santos, que atende uma clientela de alunos, que abrange a educação infantil até as séries finais do ensino médio. A escola é toda de madeira, com várias salas de aulas, possuindo dois prédios interligados um ao outro. Além de um corpo funcional que abrange, desde serventes, barqueiros, professores, diretor, técnico pedagógico, enfim uma rede de funcionários, os quais trabalham da melhor forma possível para o bom andamento das atividades escolares.

Em relação à questão cultural, é importante ressaltar que além da devoção em torno de São Francisco de Assis, atualmente existem na localidade de São Francisco da Jararaca outras práticas culturais e religiosas, como: os cultos das outras religiões, como por exemplo, a Igreja Quadrangular, a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Adventista (com poucos adeptos). E muitos das pessoas que congregam atualmente nessas igrejas evangélicas contam que inicialmente só existia na localidade a Igreja de São Francisco de Assis, e que eram devotos de São Francisco, mas que com o passar do tempo, mudaram para outra religião, como é o caso da entrevistada, Senhora Florentina Monteiro Coutinho, que afirma:

Eu sou dali daquela outra igreja, mas eu não sou mal com São Francisco, eu vou à igreja de São Francisco, não tenho nada a ver, eu não falo isso é um pedaço de giz, tudo ta vendo, mas se ele ta aí, é porque ele tem um propósito com Deus (Fala da Senhora Florentina Monteiro Coutinho, 88 anos, uma das pessoas entrevistadas no decorrer da pesquisa).

A partir dessa fala da entrevistada se observa o respeito e o quanto a devoção ao santo padroeiro é forte, e que perdura, apesar da mudança de religião, a crença, e acima de tudo, o reconhecimento de que esse santo está intercedendo pelas pessoas com Deus.

Por outro lado, é importante mencionar que as grandes fábricas de São Francisco da Jararaca pararam, os portos fecharam, e uma grande parcela de pessoas ficaram desempregadas, e que dependiam dali para tirar o seu sustento e de suas famílias. Pois, no auge do embarque e desembarque de cargas nos portos dessa localidade, pessoas de outros lugares migraram para esse local em busca de empregos, assim como aquelas que aí já residiam, conforme narra a Senhora Arcângela,

tudo que se trazia pra vender, vendia, a gente trazia açai, farinha, naquele tempo era vendido farinha em arqueiro. A gente vendia a farinha e já comprava o peixe (Fala da entrevistada Arcângela do Espírito Santo Barbosa, 87 anos)

Falas como dessa entrevistada revelam que nesse tempo a economia girava muito bem e constante na localidade de São Francisco da Jararaca. Porém, atualmente as coisas já

estão mais difíceis, inclusive para se conseguir vender algo, economicamente tudo ficou mais dificultoso.

**Imagem 06:** Imagem da atual vila de São Francisco da Jararaca.



**Fonte:** Imagem feita pela pesquisadora.

**Imagem 07:** Imagem completa da frente da vila de São Francisco da Jararaca.



**Fonte:** Imagem feita pela pesquisadora.

Tudo isso é consequência das mudanças ocorridas no local ao longo do tempo, visto que, os navios que atracavam nos portos desse localidade, não atracam mais como outrora, escasseando, assim, os trabalhos de muitos homens, chefes de família, que carregavam e descarregavam os navios, trabalhando como estivadores. Atualmente essas pessoas buscam o sustendo das suas famílias basicamente através da coleta do açaí, da caça e da pesca.

Ainda se vê algumas embarcações passando pela localidade, como as balsas transportadoras que levam cargas para Belém, mas elas não atracam nessa localidade e nem permitem que ninguém atraque nelas. Alguns ribeirinhos ainda tentam atracar para vender algumas mercadorias, como açaí, camarão e peixe, mas devido o receio de serem assaltantes disfarçados de vendedores, os seguranças que vigiam as balsas, não permitem esses encostes. Algumas balsas cuja tripulação já conhece os habitantes da região deixam os ribeirinhos atracarem, mas são poucas. Menciona-se que geralmente os vendedores localidade de São Francisco da Jararaca, que tentam atracar nas balsas para venderem suas produções estão em pequenas embarcações como cascos com motores rabudos.

A memória oral recorrente na localidade é de que a empresa FFMN trouxe bastante progresso para São Francisco da Jararaca, mas com sua falência no decorrer do tempo, acarretaram prejuízos enormes também para a população local, pois muitas pessoas se mudaram para esse lugar no auge da empresa com o intuito de trabalhar, depois da falência, tiveram que se mudar para outros lugares. Uma vez, que tudo ficou precário na referida localidade, não se tinha mais como viver, devido à falta de emprego. É claro que quem detinha o poder econômico eram os grandes senhores, donos dos casarões, os empresários daquela época, a respeito dos quais, alguns dos nossos entrevistados dizem que eles eram pessoas boas, como é o caso da dona Maria Benedita Fernandes, que afirma: “*esse homem era boa pessoa*”.

Portando, podemos observar através de falas das pessoas entrevistadas, como dessa colaboradora da nossa pesquisa, que mesmo trabalhando e recebendo pouco, as pessoas, por serem muito humildes e sem muita instrução escolar, ainda tinha a mentalidade de que esses considerados grandes empresários se importavam com elas, que eram reconhecidos, lembrados. Mas percebe-se que era somente o meio, artifícios que usavam para deter mais submissão e controle dos funcionários, conseguindo com isso uma espécie de contentamento da parte daqueles que dependiam dos empregos.

## CAPÍTULO II

### O PROCESSO DE DEVOÇÃO AO SANTO SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE DA JARARACA

#### 2.1- O INÍCIO DA DEVOÇÃO E DA FESTIVIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA

A devoção à São Francisco de Assis teve início no lócus deste estudo o senhor Francisco Monteiro Nogueira comprou a ilha Campupema, mais conhecida como Vila São Francisco da Jararaca, e devido ele ser devoto deste santo, logo edificou neste local uma pequena capela para cultuar o santo da sua devoção, e com isso repassou também a devoção para os seus empregados, que no período de 27 de setembro a 04 de outubro passaram a festejar o dia desse santo.

**Imagem 08:** Senhor Francisco Monteiro Nogueira



Fonte: Acervo da família de Rosa de Azevedo (cedida por Sávio da Costa Paula).

A imagem acima retrata o Sr. Francisco Monteiro Nogueira (que aparece sentado), o grande proprietário da Vila de São Francisco da Jararaca, devoto de São Francisco de Assis, junto de seu filho João Nogueira (de pé).

É importante mencionar, conforme afirma Saraiva (2010), que com vinda das missões jesuítas com suas crenças e devoções, no século XVII, para a Amazônia, onde participaram no processo de colonização e propagação da fé católica, ao se mesclarem com as crenças e diversos costumes das populações indígenas, que habitavam essa região, deram origem a um novo catolicismo. Contribuindo desta forma para o atual formato de religiosidade praticada em áreas ribeirinhas, forma de catolicismo “que dá ênfase ao culto dos santos, às festas de santos e grupos organizados para realizar tais eventos” (SARAIVA 2010, p.149.).

Segundo Hoornaert (1976), o catolicismo que se instalou no Brasil com a chegada dos portugueses e juntamente com os jesuítas, principalmente na Amazônia, misturando suas crenças com as dos indígenas, transforma-se no catolicismo popular, que tem como uma de suas características o culto aos santos. Sem um corpo complexo que pudesse competir com que lhe era imposto pelos missionários e colonos as populações indígenas, já deslocadas de sua aldeia nativa adaptaram-se e assimilaram o ritual cristão, acrescentando-lhe apenas “alguns elementos acessórios, sem modificá-lo em sua essência”. (HOORNAERT, 1976, p.119).

Para Sousa (2002), no Brasil muitos povoados surgiram em torno do santo padroeiro. Assim como, o culto e a festa eram organizados por pessoas ligadas por laços de parentescos, o que originava uma comunidade de irmãos, isto é, uma irmandade. Essas eram associações de leigos católicos que tiveram fundamental importância para a região Amazônica (SOUSA, 2002). Conforme afirma Nascimento, as irmandades cumpriam o papel fundamental na promoção da fé católica, por meio das festas em torno dos santos de devoção, além de serem atuantes na construção de capelas e igrejas, “no cuidado com a liturgia que envolvia os enterros, além de exercerem também a função de ajuda a gentes em penúria econômica ou de saúde. Eram, enfim, expressão máxima de um catolicismo que se dava por meio do associativismo”. (NASCIMENTO, 2009, p102)

No entanto, segundo afirmar REIS (2010), a partir do século XX, a Igreja Católica Apostólica Romana começou a se reorganizar com intuito de acabar com o dito catolicismo popular, e a participação das irmandades na promoção dos cultos religiosos (REIS, 2010). Desta forma, a Igreja Católica objetiva substituir as irmandades e ter total controle sobre as festas de santos, prática do catolicismo popular, mudando as irmandades para comunidade cristã, deixando o catolicismo popular sob jurisdição do poder Eclesiástico, mais rigoroso (REIS, 2010).

## 2.2. IRMANDADES E CEB'S NA IGREJA CATÓLICA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EM TORNO DA FESTIVIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA LOCALIDADE DE SÃO FRANCISCO DA JARARACA

Segundo as afirmações de Souza (2012), em meados do século XX, seguindo os ideais defendidos pelo concílio Vaticano II (1962-1965) e das conferências de Medelim e Puebla, surgiu a discussão para a criação de outro modelo de organização leiga para os povoados, as Comunidades Eclesiásticas de Bases, conhecidas como comunidades cristãs, que substituíram as irmandades na condução da vida religiosa da população católica (SOUSA, 2012).

Assim sendo, as irmandades, eram coordenadas por famílias influentes, que detinham o poder em suas mãos, como acontecia na localidade de São Francisco da Jararaca de antigamente, cuja igreja era comandada pela família Nogueira. Contudo, a partir de 1963, ano que aconteceu o Concílio Vaticano, começaram a surgir às primeiras Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Como afirma Fábio Pessoa (2022), “novos tempos exigiram da Igreja a criação de novas estruturas e readequação das existentes. Por exemplo, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), nascidas nos inícios dos anos 1960.” (PESSÔA, 2022, pp. 13).

Diante disto podemos perceber que a Igreja Católica passou por mudanças dentro do seu próprio ministério, o que antes era somente dentro de um grupo, passou a se expandir e a ter uma organização mais complexa, algo que veio a legitimar o real papel da Igreja Católica dentro das comunidades ribeirinhas. Conforme afirma Frei Betto:

pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana), ou capela (rural), que por iniciativa de leigos padres ou bispos, reúnem pessoas pertencentes geralmente as classes populares, que tem a mesma fé, pertencem a mesma Igreja, moram na mesma região (periferia áreas invadidas favelas pequenos sítios, ou à margem das grandes cidades).” (BETTO, Frei. apud SANTOS, 2012, p.280).

Frei Betto reafirma a importância desses pequenos grupos de forma significativa dentro das localidades, não somente restrita ao trabalho pastoral, mas com participação ativa dentro da sociedade. Ao entrevistar um membro da comunidade católica de São Francisco de Assis na localidade de Jararaca, este nos relatos algo parecido com relação as CEB's:

E passou por muito tempo que a família (Nogueira) tomava conta da Igreja né, se pagava padres para vim celebrar a missa, porque não existia esse modelo de comunidade que nós conhecemos hoje, e em 1963, que foi o ano que aconteceu o Concílio Vaticano II, foi exatamente nesse ano que começaram a surgir as primeiras comunidades e foi justamente nesse período que o povo começou a se mobilizar... e 63 foi o ano que surgiu as comunidades, e a comunidade de São Francisco de Assis, foi uma das primeiras que surgiram, tanto na jararaca quanto no palheta, que são as duas localidades mais antigas de Muaná, isso daí foi um processo, que foi acontecendo mais Jararaca foi uma das primeiras comunidades que surgiram (Relato de Sávio da Costa Paula).

Este relato nos mostra que foi a partir do ano de 1963 que aconteceram mudanças na formação da Igreja Católica, que houve uma organização para poder estruturarmos certos pontos dentro dela. A partir de então, as decisões que antes estavam nas mãos de uma família, neste caso a família Monteiro Nogueira, passou então a ser regida por um grupo organizado por membros pertencentes à igreja de jararaca, os quais eram designados por uma votação dentro da igreja. Esse processo de votação existe até os dias de hoje, onde os membros votam em escolher quem irá ser o coordenador, secretário, tesoureiro, enfim, uma equipe que ficará responsável, pela manutenção e o bom andamento da igreja.

Diante disto, é notório que as decisões antes tomadas por uma família, a qual era a mantenedora das boas regras e condutas da igreja, deixam de existir e, passam para a mão dos membros da comunidade, ou seja, o poder de tomar decisões agora estava em posse das pessoas que eram designadas para tratar dos assuntos relacionados ao bom convívio dentro e fora da igreja, as quais também junto com os membros da comunidade, decidiam de que forma iriam organizar os festejos, montando assim uma espécie de comissão, para organizar o bom andamento da comunidade.

Em relação à imagem do santo o entrevistado Sávio da Costa Paula nos diz que:

A imagem segundo alguns relatos datam do mesmo período da construção da primeira igreja, 1906, é uma imagem centenária, porque dá pra ti perceber que nos detalhes, é uma imagem muito perfeita, então provavelmente eles trouxeram de Portugal, porque naquele período a maioria das imagens elas eram mandadas construir em Portugal, porque em Belém era muito difícil de se conseguir imagens assim então como a igreja passou muito tempo para ser construída, então provavelmente ninguém sabe de nada, porque hoje em dia a gente só tem contato os netos, aliás bisnetos do primeiro dono da vila que foi a pessoa que trouxe a imagem pra cá, então eles não sabem, porque quando eles foram embora daqui eles eram bem crianças, bem pequeninos, eles não se lembram de nada, então provavelmente essa imagem tenha sido trazida de Portugal e data também do período da construção da igreja. (Relato de Sávio da Costa Paula, responsável pelo grupo de jovens e historiador cursante).

Neste relato podemos perceber que não se tem indícios concretos que possam comprovar quem trouxe a imagem de São Francisco de Assis para a localidade, nem a data da chegada. Têm-se apenas relatos provenientes memória oral de que essa imagem tenha vindo de Portugal e tenha sido adquirido pelo primeiro dono da ilha, o senhor Francisco Monteiro Nogueira, já que ele era devoto do santo.

**Imagem 09:** Imagem de São Francisco de Assis, que é cultuado na localidade de São Francisco da Jararaca..



**Fonte:** Arquivo de pesquisa da autora, Valessa Barbosa Coutinho.

Para Galvão (1976), em todas as comunidades existe a imagem de um santo padroeiro, o qual é festejado em uma determinada data e reverenciado pelos seus devotos, que acreditam na sua intermediação para com Deus. Visto que, “acredita-se que determinadas imagens tenham poderes especiais, capacidades de milagres e de maravilhas que outras idênticas não possuem” (GALVÃO, 1976, p. 29-30).

A imagem de São Francisco de Assis está até os dias de hoje em perfeito estado, é uma imagem que fica dentro da igreja, na localidade. No decorrer das atividades de pesquisa tivemos conhecimento de que tem outra imagem, uma réplica de São Francisco de Assis. O Senhor Sávio da Costa Paula narra como essa imagem chegou na localidade estudada:

Olha sobre essa imagem ela foi doada pelo Senhor Bochecha, que foi a pessoa que ajudou a comunidade a reconstruir a igreja em 2018, depois do processo de restauração da igreja, ele comprou e dou a imagem para ficar na igreja, e daí surgiu à idéia por todos nós da gente apelidar a imagem de “São Francisquinho”, porque a imagem é pequena, aí surgiu também a idéia de fazer as peregrinações com essa imagem na casa de todas as famílias da comunidade, então pra gente a festividade na realidade começa dois meses antes, em agosto, então toda semana a gente faz duas visitas nas casas das famílias, toda semana duas famílias são visitadas, e isso é uma forma de fazer uma preparação pra festividade de São Francisco que acontece no dia 04 de outubro” (relato de Sávio da Costa Paula, líder dos jovens na comunidade e historiador cursante).

A partir deste relato,, percebe-se que não é apenas nos dias da festividade que ela ocorre, mais sim meses antes, pois nessas visitas, as pessoas passam por um momento espiritual, as quais podem estar passando por enfermidades, problemas financeiros, enfim, podem estar precisando de uma visita amiga, e na maioria das vezes, isso ecoa como uma resposta aos devotos de São Francisco de Assis, que tanto pedem em orações, curas, milagres e receber uma visita desta imagem peregrina representa a resposta de que Deus, está olhando por seus filhos, por intercessão deste santo.

Isto também nos remete a pensar que não é somente um mero festejo, que não é somente nos dias em que a mesma acontece, que os seus devotos se lembrarem de cultuar mais sim, um ato de veneração diária, os quais nos dias da festividade são feitos com mais ardor, pois sabe-se que não basta ter devoção apenas em alguns dias, mais sim diariamente, pois precisamos diariamente, buscar o amor.

Este é o papel fundamental das comunidades, levar o amor, a fé, e ajudar aqueles que mais precisam, afinal é isso o que Deus pede para nós ,amarmos uns aos outros, independente de raça, cor, ou situação financeira, afinal, estar dentro de uma comunidade, quer dizer está

a serviço do amor de Deus, o qual também nos amou, e enxergar a dor do próximo, a fome do próximo é ser cristão, é ser parte de uma comunidade, e é este olhar atento que a comunidade de São Francisco de Assis, tem para com os seus filhos, garantindo assim que a tradição de crença a este santo se mantenha viva.

**Imagem 10:** Imagem da réplica de São Francisco de Assis.



Fonte: Imagem do arquivo do entrevistado Sávio da Costa Paula.

As festas segundo relatos de pessoas, que viveram na época em que iniciou a festividade, eram muito animadas, havia toda uma preparação uma equipe organizadora que se responsabilizava pelo acontecimento. Iniciava-se no dia 26, com a ida do santo para a casa do devoto que tinha alguma promessa, ou recebido um livramento, algo assim, que fosse feito o pedido para a comunidade, então tinha que ser feito um pedido antecipado, pois muitos devotos queriam a visita de São Francisco à sua residência. Onde o santo chegava era por ritual rezar a novena. Mas era algo mais calmo, não se tinha muita agitação, poucas pessoas participavam, contudo, no outro dia, no início oficial da festividade, na ida para buscar o santo, nesse dia sim havia muita agitação e euforia, as pessoas enfeitavam as

embarcações, já que era um círio fluvial, compravam fogos para quando o santo passasse em frente as suas casas eles soltassem, aclamando e reverenciando o santo, isso sempre ocorreu e até hoje existe, mas já não é com a mesma intensidade, poucas famílias participam, enfeitando suas embarcações, mas ainda assim mantém uma tradição que já dura muitos anos.

**Imagem 11:** Imagem do início da festividade de São Francisco de Assis.



Fonte: Imagem do arquivo de pesquisa da autora, Valesa Barbosa Coutinho.

Sobre as procissões de São Francisco de Assis temos o relato da Senhora. Florentina Alves Monteiro, a qual vem nos mostrar que antes:

a passeata era feita no rio, depois a gente saía e ia fazer a procissão na ponte, ia até o fim da vila, depois vinha para o arraial pra levantar o mastro de São Francisco cheio de frutas e aí depois, vinha para dentro da igreja” (Fala da Senhora. Florentina Monteiro).

Esse tipo de procissão ocorre até os dias de hoje, e na chegada do santo à igreja, nesse percurso muitos revelam sentir algo diferente, retratando o místico que São Francisco de Assis tem para com seus devotos. Como sou filha desta localidade, sempre sinto algo diferente nesse percurso, principalmente na entrada da imagem na igreja, em que se entoa o hino de São Francisco de Assis, que é uma letra bastante bonita, neste caso aqui o hino que me refiro trata-se da oração de São Francisco de Assis, que é uma cantiga do Padre Zezinho.

### HINO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Meu amigo deixou seu dinheiro, sua herança e os direitos que tinha, era jovem demais o menino, disse o pai o vizinho a vizinha, meu amigo encontrou a verdade e em seu rosto banhado de luz, pelas ruas de sua cidade, meu amigo imitava Jesus.

Irmão vento, irmão sol, irmão lua, irmão lobo, tu és meu irmão, rouxinol, sabiá, criaturas de Deus, somos obras de suas mãos, somos obras de suas mãos.

Meu amigo viveu sem ter nada, por esposa escolheu a pobreza, era jovem demais o menino, não podia ter tanta certeza, foi assim que ele abriu um caminho, para quem quer viver só de amor, não ficou muito tempo sozinho, gente nova o seguiu com fervor.

Irmão vento, irmão sol, irmão lua, irmão lobo, tu és meu irmão, rouxinol, sabiá, criaturas de Deus, somos obras de suas mãos, somos obras de suas mãos.

Hoje em dia nos jovens que eu vejo, irrequietos num mundo infeliz, eu renovo a esperança e o desejo, de topa com Francisco de Assis, calça Lee, pé no chão, mundo novo, mil idéias de renovação, eles são consciência do povo, queira Deus que eles cresçam irmão. (composição da letra: Padre Zezinho: repassado por Sávio da Costa Paula).

Esse hino é um louvor que sempre é entoado na entrada da igreja, a letra é uma composição do Padre Zezinho, o qual na verdade é uma oração, mas tornou-se um hino, “Cantiga por Francisco”, utilizado principalmente no dia do início da festividade de São Francisco de Assis, após a passeata. Para esta pesquisadora iniciante, esse é um fato que toca profundamente, pois nessa hora é como se algo diferente acontecesse, como se tivesse uma conexão direta com Deus, através da intercessão de São Francisco de Assis, uma paz interior que preenche os corações dos fiéis, em especial o meu, pois essa é uma data aguardada com muito fervor por nós devotos de São Francisco. Remete-me também ao que devemos abrir mão de muitas coisas, para seguir a uma missão, como fez São Francisco de Assis, um jovem rico que deixou uma vida de riquezas, para viver na pobreza, fazendo aquilo que agradava não as pessoas da sociedade, mas sim a vontade de Deus. Sabemos que isso não é fácil, viver em um mundo de riquezas e abandonar para seguir outro caminho, o caminho da humildade do amor, viver pela fé, e foi isso que este santo fez.

### 2.3 A MISTURA DO SAGRADO COM O PROFANO.

Nos dias que ocorrem à festividade, têm-se dois lados, o sagrado e o profano envolvidos juntos, pois primeiro faz-se as novenas, organizadas pelos notários, que eram as famílias que compunham a comunidade, os quais tinham que promover bingo e sorteios, que

viesses a arrecadar fundos para a comunidade, na sua respectiva noite. Já juntando o profano. Pois, depois das novenas, iniciava-se a parte social, onde aconteciam as festas. Lembrando que era no último dia de festividade, que tinha a festa grande, uma vez que, após a missa (sagrado) tinha o leilão, e a noite a festa dançante (profano), que tinha várias atrações musicais, as quais animavam bastante a noite.

Em se falando do leilão, havia as pessoas que arrecadavam donativos para o santo. Os donativos podiam ser doados por pessoas que tivessem feito alguma promessa, ou tivessem algum compromisso com o santo ou também se quisesse doar por vontade própria. Segundo o entrevistado o Senhor Manoel do Socorro Farias Coutinho,

As pessoas davam, eles vinham pedir, e a gente dava, às vezes até os marreteiros que passavam por aqui eles dava (Fala do Senhor Manoel do Socorro Farias Coutinho, 63 anos).

Pode-se observar nessa narrativa que os donativos eram dados por promesseiros, mas também por outras pessoas a equipe que arrecadava donativos para o leilão, e era todo o tipo de donativo: plantas, serimbabos, tinham até quem desse dinheiro. Como fala a Senhora Florentina,

a gente pegava o dinheiro, a gente não entregava na mão de ninguém, amarrávamos na fita do santo e entregava pra ele, pois era voto e São Francisco falou com Deus e ele abençoou e cumpriu o voto (Fala da senhora Florentina Monteiro Coutinho, 88 anos).

Desta forma, é possível ser observada, segundo afirma Rosendahl (1999), “a prática religiosa de ‘fazer’ e ‘pagar’ promessas constitui uma devoção tradicional e bastante comum no espaço sagrado dos santuários católicos” (ROSENDAHL, 1999, p.61).

Assim sendo, no último dia da festa, é feito a derruba do mastro, em que as pessoas que já haviam feito promessa para o outro ano pegam em sinal de cumprir a promessa para com o santo, onde no ano seguinte teriam que trazer o mastro e enfeitar para poder fazer o asteamento no início da festividade do ano que virá. Segundo afirma Galvão (1976),

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele, sua parte do contrato, o santo fará o mesmo (GALVÃO, 1976, p. 31).

Podemos perceber que os adeptos dos santos, tinham um grande cuidado com aquilo que era prometido ao santo, pois sempre acredita-se que para alcançar as bênçãos pedidas,

precisava também ser correto em seus deveres a cumprir, pois tem-se um tratamento especial, em relação ao pagamento de promessas, e assim como com outros santos, com São Francisco não é diferente, se aquilo que pedires, for feito com fé, será recompensado, mas se receberes um bem e não cumprir aquilo que prometeu, então estarás em dívida para com o santo, e não terás mais bênçãos alcançadas pela sua intercessão, existem até relatos que através de promessa feitas a São Francisco de Assis, obtinha-se a cura para os enfermos.

Por muito tempo as festas foram feitas na igreja, mas como ela era pequena, e o crescimento da população, já não podia comportar todos dentro dela, então puxavam uma coberta bem grande para frente da igreja e as pessoas faziam ali as suas orações, suas preces, seus agradecimentos, lembrando sempre que isso tudo foi trago devido a devoção do proprietário da ilha.

Com o passar do tempo foi construída outra igreja, uma maior que comportava muitas pessoas, com uma estrutura totalmente diferenciada da primeira, onde era bastante ampla.

**Imagem 12:** Imagem da segunda igreja de São Francisco de Assis.



Fonte: Imagem cedida por Sávio da Costa Paula.

Mesmo assim a igrejinha não foi deixada de lado, ela existe até hoje, totalmente revitalizada, mas já não se realiza mais missas ou outros eventos nela, mas ela guarda para muitas pessoas o início de uma devoção, de uma veneração, uma conexão para com o povo jararaquense e São Francisco de Assis, marca o início de uma história entre esse povo e este santo, e por ser um ponto de referência neste local, ela se tornou um patrimônio histórico da localidade e do município de Muaná.

**Imagem 12:** Imagem da capelinha de São Francisco de Assis, restaurada.



Fonte: Imagem do acervo de pesquisa da autora, Valessa Barbosa Coutinho.

Essa é a imagem da primeira igreja da localidade, agora já restaurada, dentro dela está à réplica de São Francisco de Assis, como dito anteriormente não se realiza mais celebrações nela, agora é um patrimônio histórico do povo jararaquense.

Os festejos ocorriam com muita devoção e alegria, os dias da festa em homenagem a São Francisco de Assis, eram animados, vinham pessoas de muitos lugares, prestigiarem o santo, além de padres, e outros que compunham o sacerdócio, enfim, “as festas eram muito animadas, no jararaca, a igreja era uma coisa muito linda” (Fala da dona Maria Benedita Fernandes).

Nota-se que devido as mudanças ocorrerem dentro da Igreja Católica, em ter uma separação entre o sagrado e o profano, ou seja, as festas não poderem ter esse lado mais vulgar das festas, de se ter bebidas, festas dançantes, fez com que a festividade para alguns se torna-se algo banal, sem importância, pois muitos vinham para essa festa com esse intuito de dançar, beber, sem nem sequer entra na igreja. Depois, que ocorreram certas mudanças, as pessoas que vinham de outros lugares, já nem vinham mais, pois para eles a festa ficou sem alegria, isso só veio mostrar quem era realmente devoto de São Francisco de Assis, pois vimos que o intuito desta festa, não é somente as bebedeiras, as danças, mais sim a exaltação a este santo, a continuação de uma tradição. Contudo, segundo afirma Varela, Pinto e Barros (2021), a festa de diversas formas, ensina aos sujeitos sociais:

um aprendizado que tem a ver com seu próprio cotidiano, sua participação e atuação na festa. Dentro desse espaço, (...) aprendizado de pedagogia festiva. Compreendendo que o papel da Educação, seja ela formal ou não, de estabelecer diálogo comunicativo entre suas práticas e o meio social de forma a fazê-los membros de sua comunidade, integrando-os, homens e mulheres, no seu meio social e cultural como atores e protagonistas de sua própria cidadania. No aprendizado efetivado nesses espaços convive-se com a produção do sagrado que sustenta os vínculos destas relações, estreita os elos espirituais de todos com todos, inclusive com o santo da devoção, derivando disso uma troca estabelecida e uma continuidade geradora do compromisso muitas vezes assumido como legado de herança de pais para filhos (VARELA, PINTO e BARROS, 2021, p. 11),

Podemos perceber, portanto, que essa é uma tradição carregada de saberes, aprendizados e ensinamentos, repassada de geração para geração, mas que em meio ao passar dos anos, as pessoas estão deixando um pouco de lado, os festejos que antes eram aguardados com muito fervor na localidade de São Francisco da Jararaca. Nos dias de hoje estão pouco esperando as novenas, os bailes e leilões, os quais antigamente eram lotados, estão com poucas pessoas, não se sabe se é devido a restrição de nas festas não poderem ter vendas de bebidas. Pois quando se comercializava bebidas alcoólicas dentro da festividade, as festas lotavam, ou se é devido as novas gerações não darem o devido valor para essa festividade, ou a verdadeira devoção ao santo São Francisco de Assis.

Muitos deixaram de lado a tradição da festividade, mas ela ainda resiste, pois somos um povo que lutou, e que até hoje luta para não deixar a nossa história cair no esquecimento, no descaso, mas lembrando que essa não é uma tarefa fácil, conseguir levar uma história adiante é trabalhoso, mas com a ajuda de guerreiros que entrevistei e que me relataram aquilo que guardam em suas memórias, sobre essa devoção, essa tradição, e a intercessão de São Francisco de Assis, iremos adiante, contando aquilo que está escondido na memória de muitos devotos deste santo, para que as novas gerações, possam sempre lembrar que somos um povo que tem história, de lutas e de fé inabalável, graças primeiramente ao nosso Deus, depois, ao senhor Francisco Monteiro Nogueira, que nos trouxe a devoção a este santo que abençoa e protege o nosso lugar, por amor e intercessão para com os seus amados filhos da Vila São Francisco da Jararaca.=

Desta forma, enceramos este trabalho deixando evidente que os dados obtidos no decorrer das atividades de pesquisa apontam que desde que se iniciou a Vila de São Francisco da Jararaca a devoção pelo santo São Francisco de Assis nasceu junto, devoção essa que vem resistindo e perdura até os dias de hoje, mas que precisa de um olhar diferenciado por parte do povo jararaquense, para que se mantenha essa tradição, de festejar, venerar o santo padroeiro, dando valor ao seu festejo, considerado como patrimônio cultural dessa localidade, por ser constituído de histórias, memórias, saberes, ensinamentos, identidades e processos de resistências da população local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante mencionar que assim que ingressei no curso de História, percebi que tinha muitas lacunas que estavam vazias sobre a origem da localidade de São Francisco da Jararaca, e os festejos do santo São Francisco de Assis, indagações que me levaram a iniciar um estudo sobre tais, e foi no decorrer de uma árdua jornada de pesquisa, tanto na igreja, quanto nos relatos orais, de pessoas que viveram neste local, que pude perceber quão bonita é a história do nosso local.

Viver em um local e não saber da sua real história, do seu processo de criação, vai muito além de um analfabetismo, é na maioria das vezes um certo descaso por nós filhos dessa localidade, que tem uma grandiosa história, mas que vive em uma escuridão cultural, e foi este estudo que me trouxe luz, para poder investigar e tornar possível, acessível, as pessoas saber sobre a devoção ao santo São Francisco de Assis, a qual foi trazida pelo senhor Francisco Monteiro Nogueira, o mesmo também contribuiu para a criação da vila São Francisco da Jararaca, e também como esse festejo contribui de forma bastante significativa para os moradores e devotos deste santo.

Caminhar por caminhos incertos, buscando fatos que viessem a colaborar com esta pesquisa fizeram-me conhecer pessoas, antes nunca vistas por mim, mas que merecem um reconhecimento todo especial, por fazerem parte da nossa representação cultural, estes me receberam de braços abertos, e mesmo muitas vezes sofridas, abriam suas casas e suas mentes, e realizavam uma viagem imaginária no tempo, relembrando como foi grandiosa a vila de São Francisco da Jararaca e como se davam os festejos, estes muitos animados que movimentam até os dias atuais a economia desta localidade, a qual perdura até a atualidade neste local

Percebi que a localidade de São Francisco da Jararaca, tornou-se um ponto de referência no município de Muaná, principalmente na parte religiosa, pois a festividade que ocorre neste local é de grande valia para o povo jararaquense, e porque não dizer para o povo muanense, pois a mesma recebe devotos de todos os lugares, inclusive da cidade de Muaná.

Com certeza, a pesquisa que deu origem a este trabalho de conclusão de curso foi de suma importância, será base inicial, principalmente, para alguns filhos desta localidade, que ainda são leigos neste assunto, mas que precisa ser reconhecida e valorizada. Pois, representa a história, a cultura, a religiosidade local, que deve ser levada adiante para as futuras

gerações, para que as mesmas possam conhecer e reconhecer essa devoção e se orgulhar de ser um filho, membro deste lugar. Pois, a religiosidade entorno de São Francisco de Assis nasceu com a localidade da Jararaca, como devoção que vem resistindo e perdura até os dias de hoje, mas que precisa de um olhar diferenciado por parte do povo jararaquense, para que se mantenha essa tradição, venerando o santo padroeiro, dando valor ao seu festejo, considerado como patrimônio cultural dessa localidade, por ser constituído de histórias, memórias, saberes, ensinamentos, identidades e processos de resistências da população local, principalmente nos dias de sua festividade, como amor, dedicação, visando assim uma espécie de maior conexão com Deus, uma vez que a religiosidade, a fé move a maior parte dos habitantes da localidade em estudo, que cultua e acredita na intercessão de São Francisco de Assis para com Deus, por amor aos seus filhos jararaquense.

## **FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA**

### **1. FONTES ORAIS:**

Senhora Arcângela do Espírito Santo Barbosa, 87 anos; entrevista realizada no dia 18/02/2023.

Senhora Florentina Alves Monteiro, 88 anos; entrevista realizada no dia 05/03/2023

Senhor Manoel do Socorro Farias Coutinho, 63 anos; entrevista realizada no dia 04/03/2023.

Senhora Maria Benedita Fernandes, 96 anos; entrevista realizada no dia 19/02/2023.

Senhor Raimundo de Nazaré Coutinho Martins, 64 anos; entrevista realizada no dia 09/12/2022.

Senhor Sávio da Costa Paula, 27 anos; entrevista realizada no dia 18/03/2023.

### **2. FONTES ESCRITAS:**

Cronologia Eclesiástica do Pará

### **3. FONTES IMAGÉTICAS:**

Imagens fotográficas encontradas nos acervos familiares e as feitas no transcorrer das atividades de pesquisa

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. Coleção primeiros passos: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987
- CRONOLOGIA ECLESIASTICA DO PARÁ**, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Belém, Pará, 1985
- Facebook: Distrito de São Francisco da Jararaca-Muaná-Marajó- Sua História- Sua Origem. Publicado em 24/ 11/ 2012.
- FERREIRA, Elita Gomes. Dos Moñas À Muaná. p. 115 – 123. In Remando por Campos e Florestas: Memórias & Paisagens dos Marajós. Denise PahlSchaan, Agenor Sarraf Pacheco e Jane Felipe Beltrão Orgs. Rio Branco: GKNORONHA, 2011.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª edição. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.
- HOORNAERT, Eduardo. Formação do Catolicismo Brasileiro (1550 – 1800). Petrópolis, Vozes, 1974.
- INVENTÁRIO DA OFERTA TURÍSTICA DO MUNICÍPIO DE MUANÁ – PA. Secretaria De Estado De Turismo Do Pará. Belém, 2021.
- Mapa de Muaná e da Jararaca<[Google Earth](#)> Acesso em 01/04/2023.
- Mapa de Muaná: Disponível em: <[https://earth.google.com/web/search/Muan%  
c3%a1,+PA/@-1.53094977,-49.22144019,6.54026713a,11747.91890585d,35y,49.27327674h,0t,0r/data=CigiJgokCW6UAzQEsDdAEWuUAzQEsDfAGRaL4V\\_mDENAIQvYkWyfEIHA](https://earth.google.com/web/search/Muan%c3%a1,+PA/@-1.53094977,-49.22144019,6.54026713a,11747.91890585d,35y,49.27327674h,0t,0r/data=CigiJgokCW6UAzQEsDdAEWuUAzQEsDfAGRaL4V_mDENAIQvYkWyfEIHA)> Acesso em: 05/03/2023
- MEDEIRO, Ana Caroline Tavares de. O processo histórico de ocupação da Vila do Palheta – Muaná/PA: Uma análise de trabalho, território e identidade. Universidade Federal do Pará/Campus Abaetetuba, 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- MEDEIROS, Marivaldo Barros. História, Cultura e Religiosidade: Devoção a Nossa Senhora do Carmo Na Vila do Carmo do Tocantins, no Município de Cametá- PÁ (2006-2013). Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, 2013.
- PESSÔA, Fábio Tadeu de Melo. **“Ao cristão é proibido ter medo”**: a trajetória da comissão pastoral da terra (CPT) no Sul e Sudeste do Pará durante a Ditadura Militar (1975/1985) / **Fábio Tadeu de Melo Pessôa**. \_ Ananindeua: Cabana, 2022.
- REIS Fernanda dos Santos. A Lavagem de São Bartolomeu – Facom-UFBa – SalvadorBA – Brasil. 2010.
- ROSENDAHL, Zeny.**Hierópolis: O Sagrado e o Urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- SANTOS, Deyse Silva dos. “A Igreja dos Pobres e Movimentos Urbanos: a atuação das CEBs nos movimentos de bairros de Belém (Décadas de 1970 e 1980)”. **Revista Estudos Amazônicos**, vol. VII, nº 1(2012), pp.274-300.

SARAIVA Adriano L.; SILVA, Josué da C. **Espacialidade das festas religiosas em comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. Espaço e Cultura**. RJ, n. 24, p. 7-18, 2008.

SARAIVA Adriano Lopes. *O Culto Aos Santos Padroeiros E A Religiosidade Popular No Espaço Das Comunidades Ao Longo Do Rio Madeira*, 2012

SARRAF, Agenor Pacheco. **Oralidades e letras em encontros nos “marajós” ribeirinho e religiosos urdindo identidades culturais**. COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO, 2008, Rondonópolis, p15 a 38.

Sites: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/muana/historico>

SOUSA, Arodinei Gaia de. *Irmandade leiga na Amazônia: Os irmãos Devotos de São Sebastião de Belo Prazeres – Cametá – Pará (1960-2010)*. Coleção Novo Tempo Cabano. Vol. IX, AGS. Cametá – Pará, 1ª ed. 2012

TAVARES, Maria Goretti da Costa. **A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação dos municípios**. Revista ACTA Geográfica, ANO II, nº3, jan./jun, de 2008.p.59-83.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias*. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 15, abr.1997.

VARELA, Fernanda Nílvea Pompeu; PINTO, Benedita Celeste de Moraes; BARROS, Flávio Bezerra. *Quem festeja também educa: reflexões sobre uma pedagogia da festa*. Revista Cocar. V.15 N.32/2021 p.1-19. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3938>